A MATERNIDADE NO BRASIL E NA NIGÉRIA: REVEL(AÇÕES) PARA UMA DESCOLONIZAÇÃO SENSORIAL

Osaro Isi Oghadeva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0008-3839-1605
Endereço eletrônico: osarooghadeva@gmail.com

Íris Nunes de Souza
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-1082-1537
Endereço eletrônico:iris.souza@uesb.edu.br

Palavras-chave: maternidade negra; descolonização sensorial; interseccionalidade; Brasil e Nigéria; feminismo negro.

INTRODUÇÃO

A maternidade negra tem sido historicamente atravessada por relações de poder construídas pelo colonialismo, patriarcado, racismo e desigualdades de gênero, produzindo formas específicas de opressão e resistência tanto no Brasil quanto na Nigéria. Embora esses países compartilhem importantes conexões históricas e culturais decorrentes da diáspora africana, as experiências maternas de mulheres negras continuam marcadas por desafios sociais, simbólicos e políticos que demandam análises críticas e interculturais. Nesse contexto, esta pesquisa investiga as representações da maternidade negra nas obras *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de Conceição Evaristo, e *As Alegrias da Maternidade*, de Buchi Emecheta, buscando compreender como as experiências maternas são construídas e atravessadas por relações interseccionais de raça, gênero, cultura e classe social.

O objetivo geral consiste em verificar de que forma as problemáticas culturais envolvendo Brasil e Nigéria são atravessadas pelas interseccionalidades produzidas pelo patriarcado, sobretudo no que se refere à maternidade. Como objetivos específicos, pretende-se identificar os rastros da colonização europeia presentes nas narrativas analisadas e

compreender como a problematização das multiculturas brasileiras e nigerianas pode contribuir para processos de descolonização sensorial. A pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar os debates sobre maternidade negra a partir de epistemologias afrocentradas e decoloniais, questionando discursos eurocêntricos que naturalizam a maternidade como vocação feminina universal.

Para fundamentar a discussão, dialoga-se com autoras e autores dos campos dos feminismos negros, da interseccionalidade, da colonialidade e da descolonização dos sentidos, tais como Collins (2021), hooks (2020), Quijano (2005), Mignolo (2017), Walsh (2009), Souza (2023), Evaristo (2016) e Emecheta (2019).

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, baseada em uma hermenêutica pluricêntrica, inserida no campo da Linguística Aplicada em perspectiva crítica e interdisciplinar. O *corpus* é constituído pelas obras Insubmissas Lágrimas de Mulheres, de Conceição Evaristo, e As Alegrias da Maternidade, de Buchi Emecheta. A análise fundamenta-se em referenciais teóricos relacionados à maternidade negra, feminismo negro, interseccionalidade, colonialidade do poder, do saber e do ser, interculturalidade e descolonização sensorial. Os procedimentos metodológicos envolveram leitura crítica das obras, levantamento bibliográfico, análise documental e interpretação comparativa das narrativas, considerando os contextos históricos, sociais e culturais do Brasil e da Nigéria. A perspectiva da descolonização dos sentidos orienta a compreensão das formas pelas quais os discursos literários produzem alternativas epistemológicas para a leitura das experiências maternas negras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das obras Insubmissas Lágrimas de Mulheres, de Conceição Evaristo, e As Alegrias da Maternidade, de Buchi Emecheta, permitiu problematizar que a maternidade negra constitui uma experiência profundamente marcada por relações históricas de poder, atravessadas por raça, gênero, classe social, cultura e colonialidade. Em ambas as narrativas, a maternidade deixa de ser apresentada como uma experiência universalmente positiva e passa a ser compreendida como um fenômeno social complexo, permeado por contradições,

conflitos e processos de resistência. As autoras revelam que o exercício da maternidade é condicionado por estruturas sociais que limitam a autonomia das mulheres e reproduzem desigualdades construídas ao longo da história colonial, corroborando as reflexões de Collins (2021) e hooks (2020) acerca da articulação entre gênero, raça e poder na experiência das mulheres negras.

A perspectiva da interseccionalidade mostrou-se fundamental para a compreensão dessas experiências. As análises evidenciaram que raça, gênero e classe social não atuam separadamente na produção das desigualdades observadas nas narrativas. Pelo contrário, essas categorias interagem de maneira simultânea, produzindo formas específicas de opressão que afetam particularmente as mulheres negras. As contribuições de Crenshaw (2002) e Collins (2021) permitem compreender que as experiências maternas representadas nas obras são construídas dentro de sistemas interligados de dominação, impossibilitando análises baseadas em categorias isoladas. A colonialidade do poder manifesta-se na manutenção de estruturas sociais hierarquizadas que posicionam determinados grupos em condições de privilégio e outros em posições de subalternidade. A colonialidade do saber torna-se evidente na desvalorização dos conhecimentos produzidos por mulheres negras e na predominância de perspectivas eurocêntricas sobre maternidade e família. Já a colonialidade do ser aparece nos processos de desumanização que historicamente atingem populações racializadas, afetando sua capacidade de reconhecimento social e político (Quijano, 2005; Mignolo, 2017).

Um dos principais resultados da pesquisa refere-se à contribuição das obras para uma proposta de descolonização sensorial. As narrativas analisadas desafiam formas tradicionais de percepção construídas a partir da racionalidade colonial e eurocêntrica. Ao privilegiar experiências, sentimentos, memórias e saberes produzidos por mulheres negras, as autoras possibilitam a emergência de novas formas de sentir e interpretar o mundo. A maternidade deixa de ser compreendida exclusivamente como função biológica ou obrigação social e passa a ser reconhecida como experiência complexa, atravessada por relações de poder, afetividade, resistência e construção identitária (Souza, 2023). A descolonização sensorial proposta pela pesquisa envolve a valorização de outras formas de conhecimento e de percepção da realidade. Nesse processo, as experiências maternas narradas por Evaristo e Emecheta tornam-se instrumentos de questionamento das narrativas dominantes e de construção de alternativas epistemológicas mais plurais. As obras revelam que os sentidos, as emoções e as

experiências corporais também constituem formas legítimas de produção de conhecimento, especialmente quando articuladas às trajetórias de grupos historicamente marginalizados (Souza, 2023; Mignolo, 2017).

Por fim, os achados, até o momento, direcionam que a literatura possui papel fundamental na problematização das desigualdades sociais e na construção de perspectivas críticas sobre maternidade, raça e gênero. As obras analisadas não apenas representam experiências maternas negras, mas também produzem reflexões capazes de contribuir para processos de transformação social. Ao evidenciar as múltiplas formas de opressão enfrentadas pelas mulheres negras e, simultaneamente, suas estratégias de resistência, as narrativas analisadas oferecem importantes contribuições para os debates contemporâneos sobre feminismos negros, interculturalidade, colonialidade e descolonização sensorial (Collins, 2021; Walsh, 2009; Souza, 2023).

CONCLUSÕES

As representações da maternidade negra presentes nas obras de Conceição Evaristo e Buchi Emecheta desafiam concepções universalizantes sobre o ser mãe, evidenciando que a maternidade é uma experiência social, histórica e culturalmente construída. As análises demonstraram que Patriarcado, Colonialidade e Racismo continuam influenciando as vivências maternas no Brasil e na Nigéria, produzindo formas distintas de opressão e resistência. Verificou-se ainda que a interseccionalidade constitui uma ferramenta fundamental para compreender a complexidade dessas experiências, enquanto a descolonização sensorial emerge como possibilidade de ressignificação dos modos de sentir, interpretar e representar a maternidade negra. A pesquisa pretende discutir possíveis contribuições para os estudos de Linguística Aplicada, Literatura, Feminismos Negros e Epistemologias Decoloniais, investigando aproximações multiculturais entre Brasil e Nigéria e examinando narrativas de mulheres negras como potenciais espaços de produção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade.** São Paulo: Boitempo, 2021.

EMECHETA, Buchi. **As alegrias da maternidade**. São Paulo: Todavia, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

SOUZA, Íris Nunes de. **Descolonização dos sentidos**: perspectivas interculturais e epistemológicas. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2023.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.